

O cotidiano e as primeiras intervenções educativas na cidade do
Guará (DF) pela ótica de duas professoras primárias
(Meados da década de 1960 e 1970)

*Daily life and the first educational interventions in the city of
Guará (DF) from the perspective of two primary school teachers
(Mid-1960s and 1970s)*

*La vida cotidiana y las primeras intervenciones educativas en la ciudad de
Guará (DF) desde la perspectiva de dos maestras de primaria
(mediados de los años 60 y 70)*

Juarez José Tuchinski dos Anjos¹
Luís Gustavo Ferrarini Venturelli²

Resumo: Focando-se em uma das antigas cidades satélites do Distrito Federal – o Guará – o artigo tem por objetivo investigar o cotidiano e as primeiras intervenções educativas ali realizadas, entre meados das décadas de 1960 e 1970, pela ótica de duas professoras primárias – Marlene Henrique e Maria Luiza Marques Matos – tomando por fonte privilegiada a autobiografia escrita por elas intitulada *Como ensinamos uma cidade a ler*. A narrativa histórica está dividida em duas partes. Na primeira, se detém sobre o cotidiano do Guará nos seus primeiros anos de existência enquanto que na segunda abordam-se as primeiras intervenções educativas que ali tiveram lugar.

Palavras-chave: História da Educação; Guará; Distrito Federal.

Abstract: Focusing on one of the former satellite cities of the Federal District – Guará – this paper is aimed at investigating the daily life and the first educational interventions carried out there in the mid-1960s and 1970s from the perspective of two primary school teachers – Marlene Henrique and Maria Luiza Marques Matos – using as a privileged source the autobiography written by them entitled *Como ensinamos uma cidade a ler*. The historical narrative is divided into two parts. The first part approaches the daily life in Guará over its

¹ Professor Adjunto de História da Educação e História da Educação Brasileira no Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Modalidade Profissional) da Universidade de Brasília. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná, na linha de História e Historiografia da Educação (2015) onde também realizou estágio de pós-doutorado. Graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2006) e em Filosofia (Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes equivalente a Licenciatura) pelo Claretiano Centro Universitário (2014). e-mail: juarezdosanjos@yahoo.com.br

² Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília e graduado em história pelo Centro Universitário de Brasília. Pós graduado em Direito Constitucional. e-mail: gugavent@gmail.com.

first years of existence, while the second part approaches the first educational interventions that took place there.

Keywords: History of Education; Guará; Federal District..

Resumen: Centrándose en una de las antiguas ciudades satélites del Distrito Federal – Guará – el artículo tiene como objetivo investigar la vida cotidiana y las primeras intervenciones educativas realizadas all, entre mediados de las décadas de 1960 y 1970, desde la perspectiva de dos maestras de primaria – Marlene Henrique y Maria Luiza Marques Matos – tomando como fuente privilegiada la autobiografía escrita por ellas titulada *Como ensinamos uma cidade a ler*. La narración histórica se divide en dos partes. En la primera se discute la vida cotidiana de Guará en sus primeros años de existencia, mientras que en la segunda se discuten las primeras intervenciones educativas que allí se dieron.

Palabras clave: Historia de la Educación; Guará; Distrito Federal.

Introduo³

Em 1960, quando da transferência da capital do litoral para o planalto central, foi pensado para Brasília, pelo educador Anísio Teixeira,  época diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), um ambicioso sistema educacional, que ia do jardim de infância  Universidade públicos.⁴ Tal iniciativa tem sido objeto de diferentes estudos ao longo da última dcada⁵ O interesse dos historiadores tem se concentrado, sobretudo, na cidade de Brasília propriamente dita, raramente se debruçando sobre os processos educacionais ocorridos fora do chamado Plano Piloto, nas então cidades satélites do Distrito Federal⁶. A

³ Pesquisa financiada com recursos do Edital XXX da XXX, por cujo apoio registramos nossos agradecimentos.

⁴ Cf. TEIXEIRA, Anísio. Plano de construes escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961; ANJOS, Juarez. José Tuchinski dos. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan./abr. 2022a.

⁵ Veja-se, dentre outros, PEREIRA, Eva Waisros. *et al.* (orgs.) *Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília: Editora da UnB, 2011; CHAIN, Samira Bueno. *Cidade nova, novas escolas?* Anísio Teixeira, arquitetura e educao em Brasília. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduao em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018; PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (orgs.) *Anísio Teixeira e seu legado  educao no Distrito Federal: história e memória*. Brasília: Editora da UnB, 2018; ANJOS, Juarez José Tuchinski; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. A narrativa de Juscelino Kubitschek sobre a escolarizao em Brasília: vestígios de uma historiografia da educao. in: ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; TAVARES, Fabiany de Cássia (orgs.). *Escrita da pesquisa em educao na região Centro-Oeste* (vol. 4). Campo Grande: Editora Oeste, 2020, p. 57-75.

⁶ Uma exceo  a dissertao de mestrado de FRANÇA, Guilherme Azevedo. *Levantamento de fontes e acervos para uma história das duas primeiras escolas de São Sebasto/ DF (1959-1996)* (Mestrado Profissional em Educao). Programa de Pós-Graduao em Educao, Modalidade Profissional, da Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

história da educação nessas outras regiões é, de fato, um terreno a ser percorrido pela pesquisa historiográfica e dá o mote deste artigo que tem por objetivo, justamente, focar-se em uma das antigas cidades satélites do Distrito Federal – o Guará – no intuito de investigar o cotidiano e as primeiras intervenções educativas ali realizadas, entre meados das décadas de 1960 e 1970, pela ótica de duas professoras primárias – Marlene Henrique e Maria Luiza Marques Matos – tomando por fonte privilegiada a autobiografia escrita por elas intitulada *Como ensinamos uma cidade a ler*.

O Guará foi inicialmente pensado em função do SIA (Setor de Indústria e Abastecimento), como bairro que ofereceria moradia para os trabalhadores do setor e para funcionários públicos de renda menor que a dos ocupantes do Plano Piloto, mas que seriam transferidos para lá assim como eles. Foi organizado então um mutirão para a construção das primeiras casas, que está na origem desta cidade. Segundo Vasconcelos (1988), as primeiras obras do mutirão datam de 25 de setembro de 1967. Os primeiros moradores da cidade satélite vinham de Brasília ou outras regiões periféricas como Taguatinga, Candangolândia, Vila Planalto, Gama e Vila do IAPI. A cidade em seus primórdios, já em dezembro de 1968, possuía 600 moradias, ampliando-se ao longo das décadas de 1970 e 1980.⁷ Sua concretização coube ao engenheiro Rogério de Freitas Cunha. O sistema de ocupação foi considerado um sucesso, barato e comunitário, mas posteriormente foi abandonado, levando a região a desenvolver-se da mesma maneira que as demais cidades satélites, enfrentando, inclusive, os mesmos problemas e contradições. Hoje o Guará não é mais visto como cidade satélite e sim como uma região administrativa, de acordo com a divisão política adotada no Distrito Federal.

Como dito, a fonte central deste estudo é a autobiografia, da lavra das professoras Marlene Henrique⁸ e Maria Luiza Marques Matos⁹, intitulada *Como ensinamos uma cidade a ler*, publicada em 1998. A obra, dividida em nove capítulos, narra, a quatro mãos e referindo-se

⁷ VASCONCELOS, Adirson. *As cidades satélites de Brasília*. Brasília: Senado Federal, 1988.

⁸ Marlene Henrique nasceu no Ceará, no povoado de Iara, migrando posteriormente para o Distrito Federal, formando-se professora do ensino primário no Centro de Ensino Ave Branca, em Taguatinga, em 1967 mesmo ano em que se fixou no Mutirão que viria a originar a cidade do Guará. Logo também se tornaria Assistente Social, o que a levou a trabalhar no Amazonas, interrompendo sua trajetória como professora, embora seja esta a identidade que buscou cultivar na escrita autobiográfica.

⁹ Maria Luiza Marques Matos nasceu em Balsas (Maranhão) de onde se mudou, primeiro para o Goiás e, depois, em 1962, Brasília. Professora normalista, pedagoga e administradora escolar formada na AEUDF, também se formou em Ciências Físicas e Biológicas e ainda em matemática pela FEDF; chegou a cursar, sem concluir, Direito; atuou como inspetora escolar, publicou livros de poesia e foi premiada por tal atividade em 1996 como personalidade “Destaque da Cultura”.

quase sempre às suas autoras em terceira pessoa¹⁰, a trajetória intelectual dessas duas mulheres e alguns aspectos relativos à vida, à formação e à educação no Guará. Para efeitos de operação historiográfica¹¹, consideramos esta autobiografia como um tipo de escrita de si, adotando os procedimentos e premissas metodológicas destacadas por Ângela Castro Gomes, segundo os quais

[...] está descartada, a priori, qualquer possibilidade de se saber “o que realmente aconteceu” (a verdade dos fatos) pois não é essa a perspectiva do registro feito. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de dizer “o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido do real pelo vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. Algo que pode enfeitiçar o leitor/ pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe é constitutivo, e em face do qual certas reflexões se impõem. Nesse sentido, o trabalho de crítica exigido por essa documentação não é maior ou menor do que o necessário com qualquer outra, mas precisa levar em conta suas propriedades, para que o exercício de análise seja realmente produtivo.¹²

Há, ainda, um importante toque de gênero no relato das professoras: é uma autobiografia pela perspectiva feminina, cuja narrativa é marcada pelas tensões, desigualdades e experiências próprias de mulheres num contexto machista e patriarcal. Constitui-se, assim, em outro elemento a ser considerado no processo de análise dessa escrita de si e do tipo de olhar que ela nos propiciará sobre o cotidiano e a educação no Guará.

Para complementar determinadas informações sobre as quais a autobiografia não fala ou o faz de forma aligeirada, recorreremos, também, a algumas notícias sobre iniciativas relativas ao Guará veiculadas no jornal diário *Correio Braziliense* e no *Diário Oficial do Distrito Federal*. Quanto ao *Correio*, trata-se de um periódico da cadeia dos Diários Associados, fundado junto com a capital, em 21 de abril de 1960. De caráter governista, deu ampla visibilidade às necessidades da cidade em formação, em especial, a educação.¹³ Já o *Diário Oficial do Distrito Federal*, que começou a circular em fins de 1967, trazia em algumas de suas páginas, além dos atos oficiais, fotografias e notícias de interesse da

¹⁰ Com algumas exceções, quando se consegue identificar a autoria ora de uma ou outra narradora.

¹¹ CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

¹² GOMES, Ângela Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela Castro (org.) *Escrita de si, escrita de História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, p. 15.

¹³ ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). In: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani.; ZIMMERMAN; Tânia Regina. (orgs.) *Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b, p. 37-54.

população do Distrito Federal, visando fazer propaganda das ações governamentais (no contexto de uma Ditadura Civil-Militar então instaurada), pela divulgação dos feitos do regime naquela região.¹⁴ Para a operação com a imprensa enquanto fonte procuramos prestar atenção aos alertas de Robert Darnton segundo os quais as notícias são interpretações acerca de determinados acontecimentos¹⁵, sendo o jornal impresso mais do que mero relato deles, mas ingrediente dos próprios acontecimentos.¹⁶ Ademais, ao cruzarmos a imprensa com a autobiografia, procuramos deixar que uma lance luz sobre os silêncios da outra, a fim de produzir uma análise o mais matizada possível.

Apresentados os protocolos desta pesquisa, a narrativa histórica está dividida em duas partes. Na primeira, nos detemos sobre o cotidiano do Guará nos seus primeiros anos de existência enquanto que na segunda abordamos as primeiras intervenções educativas que ali tiveram lugar. Ao final, realizamos alguns apontamentos, a modo de conclusão.

O cotidiano nos primórdios do Guará

No dia 23 de abril de 1968 o Diário Oficial do Distrito Federal registra a realização da primeira Missa Campal do Mutirão do Guará. A situação ainda era marcada pelo imprevisto: não havia igreja, entretanto o diário anota a participação de personalidades no local, o que indica não só um aumento do número real de casas, mas um aumento de prestígio da cidade em formação.¹⁷ O Correio Braziliense também noticia a missa campal na capa da edição do mesmo dia, fornecendo mais alguns detalhes:

MUTIRÃO

Além da missa solene na catedral, houve missa campal, às 11 horas, no “Mutirão” do Setor de Indústria e Abastecimento, rezada em agradecimento pelo êxito dos funcionários da PDF – cerca de 200 famílias – que estão construindo naquela área, através de “mutirões” suas moradias. Estiveram presentes o prefeito Wadjô Gomide,

¹⁴ Dentro do recorte temporal desta pesquisa, Brasília/ Distrito Federal era inicialmente administrada por um prefeito e, posteriormente, por um governador. Ambos eram escolhidos por indicação política do presidente da República, razão pela qual acabavam sintonizados com o regime civil-militar. Inexistia, inclusive, uma câmara legislativa, inovação que só veio a ser instituída nesta unidade da federação com a Constituição de 1988.

¹⁵ DARNTON, Robert. As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação. In: *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: companhia das Letras, 2005, p. 40-90.

¹⁶ DARNTON, Robert. Introdução. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução Impressa: a imprensa na França 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 15-20.

¹⁷ MUTIRÃO. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 23 abr. 1968, p. 2.

seu Secretariado, o engenheiro Rogério de Freitas, além de dirigentes do SVO e da Novacap, os quais, após a missa, participaram de um churrasco naquele local.¹⁸

As duas notícias, em conjunto, assinalam uma espécie de ato inaugural da vida no Guará, marcado, assim como deu-se com Brasília, pela celebração de uma missa, bem ao gosto do tipo de laicidade que vigorava no Brasil desde a República, no qual alianças e colaborações entre Igreja Católica e Estado foram uma constante. Na nova cidade, não seria diferente. Mas, como era o dia a dia dos que estavam sendo ali instalados, conferindo, efetivamente, vida ao Guará?

Nossas professoras relatam que a cidade tinha vendavais e ruas de terra solada que eram muitas vezes assoladas por redemoinhos sujando tudo e a todos. Estas ruas rasgavam em valas e estas empoçavam água enquanto esperavam por manilhas que já estavam por ali, só não estavam em seu lugar e isso ocorria ao longo de quilômetros¹⁹, denotando a precariedade da estrutura da cidade nos primeiros anos de sua existência. “Algumas vezes se tornava angustiante, também, a imensa falta de conforto, muita poeira, lama, frio, pobreza e saudades do que havia ficado para trás. Poucos dias foram de alegria, mas em nenhum momento elas pensaram em desistir”²⁰, escrevem em terceira pessoa as professoras. Elas, inclusive, ressaltam a todo momento como faltavam condições e, ao mesmo tempo, como desempenhavam suas funções apesar dessas limitações. Formar o caráter (no sentido moral do termo) e interpretar a conduta social era uma de suas metas, além de dar conta de um sonho de alfabetização da população a que se referem no título do livro e que, segundo elas, eram “sonhos acalentados nos bancos das Escola Normal aqui mesmo em Brasília, sonhos utópicos é bem verdade”.²¹

Por outro lado, elas afirmam que se deslocavam na cidade que era um canteiro de obras e poeira vermelha, somado ao clima muito seco, que causava ressecamento de pele e o endurecimento dos cabelos.²² As caminhadas exigiam atenção. Segundo elas, andar pela cidade era trabalho para “malabaristas”, as ventanias encardiam as ruas e roupas nos varais. Redemoinhos subiam ao céu e encantavam as crianças enquanto o calor não dava tréguas. Já

¹⁸ MUTIRÃO. *Correio Braziliense*. Brasília, 23 abr. 1968, p. 16.

¹⁹ HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998.

²⁰ *Idem*, p. 42.

²¹ *Ibidem*, p. 42.

²² HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998.

quando chovia, era muita água em meio a ruas sem pavimentação (HENRIQUE, MATOS, 1998).

Existia também o problema da falta de estrutura sanitária: não havia hospitais nem postos, como relataram.²³ Segundo as professoras na Q.I. (Quadra Interna) 06, existia um poço de água aberto e sem cobertura, esse poço nunca secava, mas ameaçava a população com possíveis epidemias. Todavia, as autoridades não tomaram nenhuma providência. Aliás, o descaso com a população, por exemplo, levou a acidentes inclusive dentro das escolas, como veremos adiante. Segundo o Diário Oficial do Distrito Federal de primeiro de abril de 1970, só naquele ano foi inaugurado um posto de saúde no então Guará (e não mais Mutirão), em uma casa fornecida pela Sociedade de Habitações de Interesse Social (SHIS) até que um equipamento público fosse definitivamente construído.²⁴

As questões da carestia da população e da própria cidade fizeram com que a professora Marlene Henrique, que também era estudante de Serviço Social, se percebesse como líder comunitária mesmo sem se definir pelo termo. Ela entendia a necessidade da participação e solidariedade visando a socialização. Para ela, nessa constante interação, se possibilitava a formação do que chama de “consciência coletiva”²⁵, visando uma educação social, por meio da sensibilização dos moradores e o convite à participação comunitária e dando rumo aos jovens estudantes e aos seus pais como forma de “crescer” com essa vida em comunidade. Ela relata que aprendeu e amadureceu em sua vida adulta e inclusive profissional de Assistente Social com tais experiências: a aprendizagem revelou a ela mesma os problemas sociais e mazelas que enfrentaria na sua atuação como Assistente Social principalmente nesta cidade que surgia. Era preciso aprender para orientar e aconselhar além de interpretar a situação para a comunidade de estudantes e pais, os valores, os deveres e responsabilidades, ancorados na religião²⁶ inseridos dentro do regime militar que vigiava os que divergiam quanto a aquela situação “que policiava e interpretava ao seu modo os comportamentos, ideologias, filosóficas, e políticas especialmente dos agentes da educação e do social.”²⁷

²³ Ibidem.

²⁴ POSTO DE SAÚDE PARA O GUARÁ. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 1 abr. 1970, p. 1.

²⁵ HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. 22.

²⁶ As duas professoras tiveram formação em colégios católicos e a religião é um elemento que comparece como central na autobiografia de ambas.

²⁷ HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. 23.

As professoras percebiam que um dos fatores a ser trabalhado era a questão do isolamento da cidade do Mutirão das lindas paisagens e gramados bem cuidados dos prédios monumentais e humanizados da Capital da Esperança, como é denominada Brasília na letra do seu hino oficial. O transporte público era a forma primordial para se chegar nesse paraíso na terra de JK. A vida na cidade dos trabalhadores era árida. Para elas esse era um processo de separação social, que tornava os moradores angustiados. Uma delas, não identificada na autobiografia, afirmava que “como observadora nata, compreendeu que o homem é fruto da sociedade onde vive, como esta é do indivíduo. Destacou a participação da família como um valoroso elemento essencial para a fixação da aprendizagem”.²⁸ O isolamento afasta a família e impede o lazer, a visita aos médicos e qualquer deslocamento necessário ainda mais em tempos como os que elas viviam:

O isolamento desse período, teve também como causa a falta de transporte, difícil locomoção, ocasionado pelo frio, ventanias, constantes vendavais, lama, e o isolamento estrutural alicerçado pelas diferenças biológica, onde os homens saíam de casa para trabalhar fora as mulheres, as crianças e os jovens ficavam praticamente presas em casas em desconfortáveis, sem segurança, abandonadas à própria sorte, no meio do nada do cerrado e do esqueleto da nova cidade do Guará II, em construção.²⁹

Aqui nos deparamos com o toque de gênero (que elas chamam de “diferença biológica”) que o olhar nas professoras sobre o cotidiano do Guará nos permite apreender: ser esta uma cidade habitada por mulheres, às quais cabia os cuidados da casa e da família enquanto os homens, provavelmente envolvidos com o trabalho no Plano Piloto, ficavam ausentes. Eram relações de gênero que reproduziam o modelo da mulher cuidadora e do homem provedor. Mas, nem todas as mulheres se contentavam com essa vida e papéis sociais. Maria Luiza Marques Matos foi uma dessas exceções, num dos poucos trechos da autobiografia em que emerge uma narrativa em primeira pessoa:

Objetivando melhorar os meus conhecimentos teóricos, resolvi voltar a estudar, depois de ter passado sete anos fora do universo estudantil. Com coragem, audácia e iniciativa, prestei vestibular em 1975. Escolhi a AEUDE, por tratar-se de uma boa universidade, de fácil acesso e com funcionamento também no período noturno. Aprovada com êxito fiz a minha matrícula no curso de Pedagogia – área de administração escolar – e no curso de Direito – área de criminalística.³⁰

²⁸ Idem, p. 29.

²⁹ Ibidem, p. 26.

³⁰ Ibidem, p. 51.

A decisão de retomar os estudos pode ter se dado pelo desejo de crescer na carreira, razão pela qual escolhe pedagogia com habilitação para administração escolar e não a habilitação para o magistério, coisa que já exercia com o curso normal. A eleição pelo Direito, por sua vez, pode ser indicadora até mesmo do desejo de partir para outra profissão, o que não se concretizou, uma vez que esse curso não chegou a ser concluído. Todavia, precisou dividir seu tempo entre o trabalho e o estudo, o que a obrigou a estudar no período noturno e a apresentou a outros inconvenientes a que mulheres, que quisessem romper com as relações de gênero vigentes no Guará e na sociedade brasileira da época, tinham de sujeitar-se:

Foram dias carregados, de muita obstinação, diante da tormenta diária do esforço que me impulsionou para dentro das aulas teóricas e a pressão procrastinista das noites, onde eu tinha que pegar o ônibus Guará x Plano Piloto. Plano Piloto x Guará. Como na vida temos que lutar contra a inércia e seu veículo, todas as noites os ônibus iam e vinham superlotados, e para não chegar em casa às duas horas da manhã submetia-me a pegar tais ônibus, vindo quase sempre de pé. Assim mesmo, era um verdadeiro desafio encontrar um lugar o que significa uma luta para manter-me com o mínimo com o mínimo de espaço possível, separada dos passageiros do sexo masculino, que se aproveitavam de suas condições de pertencerem a uma sociedade em que ao homem, gostaria de dizer, tudo era permitido.³¹

A professora relata o assédio dentro dos ônibus de forma muito contundente onde os homens, por meio de gracejos e de desrespeitos com tom sexual, se encostam nas meninas com seus propósitos promíscuos, aproveitando-se dos veículos lotados que se deslocavam em meio a buracos e em alta velocidade:

Esta persistência em minha vida, fez me vítima, algumas vezes, das animalidades destes homens trabalhadores, que me dirigiam gracejos de mau gosto e libidinoso como encontrões propositados dentro do espaço limitado, apinhado dos ônibus que galopavam, desembestados, sobre o asfalto esburacado, ensopado.³²

Mas não parava por aí. A professora Maria Luiza M. de Matos se obrigou a montar um esquema de proteção que incluía seu irmão que a esperava nos desembarques do coletivo, já que a noite e a cidade eram perigosas para as mulheres. A professora descreve o caminho

³¹ *Ibidem*, p. 51.

³² *Ibidem*, p. 41.

da parada até a casa dela como escuro, ela temia o estupro ou até a morte pois descia da pista próxima a estrada Parque Taguatinga Brasília próximo aos eucaliptos.³³

Esse isolamento para ambas as professoras era questão das mais graves pois causava sérios problemas à população. A professora Marlene Henrique – remetendo-se ao tempo em que cursava Serviço Social na Universidade de Brasília – descreve o isolamento como questão importante nas cidades dos trabalhadores “de difícil contato, isolada de Brasília e das demais cidades-satélites do Distrito Federal, enfrentando ônibus lotados e empoeirados, desconfortáveis, poluídos, perigosos inadequados, que a transportava para a UnB.”³⁴ Esta questão foi tema das pesquisas da professora Marlene Henrique que as registrou sistematicamente e que não a parou em seu objetivo de construção dessa população ordeira e democrática, temente a Deus. Ela se utilizava dessas questões do isolamento e das consequências advindas desse elemento de desagregação social para procurar capacitação onde fosse preciso. Ela e sua colega docente viam como uma missão em que estes “primitivos” seriam então colocados em caminhos mais voltados para a cidadania e menos violentos.³⁵

O isolamento, inclusive, afetava e muito o convívio social. Pode-se dizer que o lazer era algo que não existia no planejamento das cidades dos trabalhadores da capital do futuro. Assim como também não existiam formas de abastecimento de alimentos na cidade do Mutirão: tudo era conseguido nas ruas com os mascates ou ambulantes. Como inexistia comércio, as pessoas compravam de tudo um pouco nas mãos dos mascates, sejam as roupas ou as panelas e cobertores

Como poderia esquecer das inúmeras lembranças daqueles idos anos que às vezes, me visitavam, trazendo-me fiéis recordações, como por exemplo, de quando eu passava pelas ruas despovoadas e solitárias, todas as manhãs, em direção à escola e a universidade, onde só tinha como companhia os mascates geralmente sírios, que chegavam muito cedo, na cidade, carregados de pesadas malas e sacolões, com cobertores ordinários, escachados pelos ombros para venderem as suas mercadorias de porta em porta, cujo pagamento era feito semanal e mensal. Onde eu também fazia parte da freguesia, comprando casaquinhos de frio e cobertores, os chamados sapecam moleques, panelas e canecas e pratos de alumínio, nas mãos de Abdala, um velho mascate sírio, muito algo, muito magro, e tostado de sol, sempre com um sorriso simpático nos lábios um dos primeiros comerciantes ambulantes da cidade.³⁶

³³ Ibidem.

³⁴ Ibidem, p. 25.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem, p. 61.

Muitas mulheres não saíam de suas casas, pois o trabalho de limpeza era contínuo – cozinhar, lavar e passar eram atividades em ritmo frenético uma vez que a poeira vinha pelo vento que secava as roupas; essas, muitas vezes puídas, desbotadas, ensopadas quando chovia, pés na lama, calçados empapados, cabelos desgrenhados. Para as crianças esse ambiente era tão árido que segundo as professoras os lábios viviam ressecados, suas brincadeiras eram simples: quem saía na rua brincava de bola de gude, pião, soltar pipa, pega-pega, pique esconde, amarelinha.³⁷ As mães em seus momentos de folga muitas vezes trocavam receitas e vigiavam seus meninos dos portões, as vizinhas se ajudavam ao fazer bainhas das calças e uniformes, pregar botões e trocavam quitutes e gostosuras pelas portas “De vez em quando trocamos pela porta da cozinha, biscoitinhos de goma, bolo de fubá, pão de queijo e tapioca. Como poderíamos esquecer das difíceis tardes de calma, onde as pipas coloridas enfeitavam os céus por alguns momentos e logo caíam sobre os telhados, trazendo-nos um doce lamento dos nossos filhos.³⁸

Era assim, em linhas gerais, que a população, em especial as mulheres e crianças, transcorriam seus dias nos primórdios do Guará. Foi nesse contexto que tiveram lugar as primeiras intervenções educativas na cidade, das quais nos ocuparemos a seguir.

As primeiras intervenções educativas no Guará

Na edição de 24 de fevereiro de 1968 o *Correio Braziliense* noticiou o anúncio da entrega, para breve, da primeira escola do Guará, escola voltada aos filhos dos funcionários do Mutirão da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) e que seria construída pelos próprios moradores.³⁹ No *Diário Oficial do Distrito Federal* de 29 de maio o engenheiro responsável pelo mutirão recebeu a doação de uma Rural Willys destinada à escola-classe do Parque do Guará, um automóvel para a unidade escolar⁴⁰ o que nos sugere que, em poucos meses, a primeira escola foi construída.

E as nossas professoras lá estavam e afirmaram que os anos iniciais foram muito difíceis: “Todos os dias as professoras chegavam à escola às seis e trinta da manhã, largavam as aulas ao meio-dia, quando não estavam na escola dando aulas estavam frequentando as universidades ou os vários cursos de aperfeiçoamento ministrados pela Fundação

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ *Ibidem*, p. 59.

³⁹ MUTIRÃO. *Correio Braziliense*. Brasília, 24 fev. 1968, p. 8.

⁴⁰ DOAÇÃO. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 29 mai. 1968, p. 1.

Educacional”⁴¹ Percebemos que as professoras tinham uma rotina exaustiva, dividindo o tempo entre o trabalho, o estudo em nível superior e o processo de formação complementar oferecido pela Fundação Educacional do Distrito Federal, a quem cabia gestão do sistema de ensino em Brasília e nas cidades satélites.⁴²

As professoras, na autobiografia, descrevem a realidade dentro das salas de aula, relatos da vida durante esse processo acelerado de ampliação da cidade, principalmente nessa escola que havia sido entregue aos que ali moravam:

Dentro da sala de aula ouvia-se com grande nitidez, o zunido forte dos ventos sobre os telhados, provocando o deslocamento do forro, abrindo brechas de vinte centímetros entre os aglomerados de madeiras, que forravam a sala de aula, e que, a qualquer hora ameaçavam desabar sobre a nossas cabeças. De repente, zuiu um estalo que parecia vir do nada, acompanhado de uma rajada de fogo; saía apressado da tomada, que ficava bem na porta da entrada da sala de aula. Assemelhava-se ora uma boca de maçarico, quando despeja rajada de fogo com muita fúria, ora assemelhava-se a um dragão, espécie de lagarto, monstro fabuloso, destes contados nas fábulas. A coisa formatava-se e se apresentava através de fumaça com uma imensa cauda de serpente, e serpenteava, dando voltas pela sala, cujas garras e asas também se formataram da própria fumaça. Larvas reluzentes, acompanhadas de um reflexo esverdeado e azulado, saíam-lhe dos dois orifícios das ventas e boca a fora, como se estivesse a bafejar vapores incandescentes para tudo que era canto, era como se quisesse varrer o mundo, destruí-lo uma vez por todas, ou quem sabe reduzi-lo ao nada. Ao mesmo tempo desaparecia e tornava a reaparecer com redobrada intensidade. O vento que entrava pelas frestas abertas do forro brechado, tangia o fogo que soprava da tomada carregando tudo para o meio da sala de onde estavam as crianças assentadas nas carteiras. Com imenso pavor e todo aquele material inflamável à nossa volta dando-nos a impressão de que estávamos desabando nas profundezas dos infernos.⁴³

Esse relato do dia a dia escolar, a que estavam submetidas as professoras, demonstra que não era apenas a cidade que tinha suas carências, a escola também era precária. É fato conhecido que as primeiras escolas do Guará eram provisórias, o que de certa forma, confirma a questão das instalações elétricas que não passavam segurança. Somem-se a isso os forros de madeira e compensado, ingredientes para um incêndio que de fato quase se realizou. A pressa em inaugurar a cidade pode estar por trás desse imprevisto. Também a ventilação da sala de

⁴¹ HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. 64.

⁴² Cf. MORAES, Cleide Fátima de. *As competências legais da gestão do sistema de ensino nos primórdios de Brasília (1959-1960)*. (Monografia de Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

⁴³ HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. 73.

aula era complicada devido ao modelo de janela, que protegia do vento e poeira ao mesmo tempo em que aumentava o calor. Se pensarmos no cuidado com o ambiente das salas de aula das escolas do Plano Piloto ou mesmo na escola Normal do bairro da Tijuca três décadas mais velha, materializada durante a gestão de Anísio Teixeira no Rio de Janeiro, podemos perceber uma diferença gritante entre algo planejado e o feito de improviso.

No Instituto de Educação do Rio de Janeiro:

As salas construídas dentro de princípios ergonômicos possuíam grandes janelas propiciando aeração e iluminação naturais, controlados por cortinas e janelas basculantes, luzes artificiais garantiam as condições de visibilidade do recinto nos dias menos luminosos. O projeto procurava obedecer ao preceito de manter uma luminosidade de 18 velas por pé quadrado, considerado como ideal porque é capaz de proteger os órgãos da visão.⁴⁴(VIDAL, 2008, p.238)

Já na escala adotada para as escolas do plano piloto:

Ainda, paralelamente à espacialidade de tal “unidade de conjunto”, é imprescindível considerar a tendência da vertente internacional da arquitetura modernista para implantação do equipamento escolar em locais cuja paisagem possibilitasse o contato com a natureza uma vez que o ambiente onde vive e é educada a criança consiste em parte integral do processo educativo. Segundo as bases desta vertente, fazia-se premente buscar alguma forma de aproximação da escola com o meio natural mesmo nas cidades com malha urbana tradicional, uma vez que árvores, plantas e vegetação em geral, além de aumentar a possibilidade do contato infantil com insetos e pequenos animais, traria ao espaço escolar ar fresco, proteção contra poeira, vento, barulho e raios solares de maior intensidade. À melhora das condições ambientais, somava-se ainda as preocupações de ordem educativa. A premissa projetual de abrir escolas para áreas verdes ecoava na defesa do maior aproveitamento possível do tempo escolar em espaços ao ar livre para jogos e recreações, e inclusive para a realização do currículo de suas disciplinas básicas, de modo a propiciar à criança a possibilidade de observação direta do meio ambiente. Ou seja, a inserção numa “boa” paisagem, associada à distribuição equilibrada de áreas verdes na escola, entregaria à criança um ambiente harmonioso e equilibrado com áreas propícias tanto para as atividades físicas e intelectuais monitoradas, quanto para aquelas abertas à livre exploração infantil.⁴⁵

Por fim, o que foi entregue ao Guará;

Havia duas janelas, destas do tipo basculantes abrindo-se para o pátio externo cheio de mato ambas estavam fechadas para nos proteger da ação constante dos ventos,

⁴⁴ VIDAL, Diana Gonçalves. Lá vem o bonde das normalistas... uma incursão pelo cotidiano escolar no Instituto de Educação do Rio de Janeiro na década de 1930. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Bueno; LOPES, Antônio Pádua (orgs.) *As escolas normais no Brasil. Do Império à República*. Campinas: Alínea, 2008, p. 238.

⁴⁵ CHAIN, Samira Bueno. *Cidade nova, novas escolas?* Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018, p. 87.

que nos enchiam de poeira e arrancavam de cima das nossas mesas e carteiras tudo que encontrasse pela frente.⁴⁶

É possível evidenciar, a partir dessas comparações entre diferentes modelos arquitetônicos, a precariedade e inadequação das salas de aula que nossas professoras conheceram nos seus primeiros anos de docência no Guará, constituindo sua vivência numa experiência bem diferente daquela das docentes do Plano Piloto, tão exaltadas na historiografia brasiliense ou na memória dos ditos “professores pioneiros” de Brasília.

Levando a vida em meio às intempéries, as professoras evocam a memória de um acidente ocorrido no pátio da escola em que trabalhavam:

No dia 12 de um mês que não conseguimos recordar do ano, havia amanhecido com um sol muito forte, depois de um longo período de intensas chuvaradas, o céu se apresentava intensamente azul, sem uma única nuvem. A criançada, na hora do recreio, no pátio da escola classe 04, de certa forma parecia bastante contente. Era hora de recreio, o pátio da escola estava repleto de crianças de todas as idades em uma atmosfera de satisfação e alegria. No meio da balbúrdia, ouviu-se um grito intenso, que abafou todos os outros barulhos do pátio. Não conseguia ouvir mais nada, diante do grito cheio de pavor, de desespero e dor. O menino que gritava desatinado, havia decepado um dedo de uma de suas mãos. Se não me falha a memória, era um dos dedos da mão direita, que jazia no meio do lamaceiro, nas imediações do pesado portão que, ao fechar-se, decepou o dedo do desgraçado do menino. Depois de termos apanhado o dedo do aluno no meio do lamaçal, o menino foi encaminhado, imediatamente, para o Hospital de Base de Brasília. Felizmente, na ocasião do acidente passava um carro da CAESB, que imediatamente prestou-nos socorro, diante da falta de outras alternativas de transporte e de atendimento local.⁴⁷

A cena descrita pelas professoras bem poderia evocar aquelas da infância moderna, cheia de contradições, descrita um século antes pelo poeta Charles Baudelaire.⁴⁸ Depois de um período de chuva – o que nos leva a situar a narrativa no final do segundo semestre ou início de um primeiro semestre de um ano qualquer entre meados de 1960 e meados de 1970, época em que, depois da seca, costuma chover no Distrito Federal – num belo dia de sol, as crianças brincam e se divertem no pátio da escola, na hora do recreio. Eis que de repente uma delas se fere no pesado portão, sugerindo ter estado por alguns minutos longe dos olhares e cuidados dos adultos, perde um dos dedos da mão, que cai no meio do lamaçal – outra contradição para

⁴⁶ HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. 73.

⁴⁷ Idem, p. 71.

⁴⁸ ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. *Infância e modernidade no século XIX: o olhar de Charles Baudelaire*. *Dimensões*. Vitória, v. 30, p. 289-314, 2013.

o pátio de uma escola. Mas o socorro foi rápido e providencial, graças a um veículo da Companhia de Energia do Distrito Federal, que evitou que o menino tivesse que depender do precário sistema de transporte para chegar ao hospital. O relato tem um pouco de grotesco, é verdade, mas ficou marcado na memória das professoras, seja pela sua singularidade, seja porque confirmava a precariedade das instalações escolares então disponíveis e que elas conheceram durante seus primeiros anos de docência no Guará.

Em relação às práticas pedagógicas, as professoras informam ocasionalmente que se utilizavam de estratégias que aproximam a população da escola como fonte de prazer, visitas sociais e a organização de Associações Comunitárias objetivando os pais e os filhos que estivessem com dificuldades de aprendizagem, daqueles que estavam passando por processos de readaptação, grupos de mães e donas-de-casa até mesmo palestras sobre a agressividade e rebeldia novamente ligados a questão do isolamento social.⁴⁹ Outro instrumento utilizado pelas professoras foi o teatro. Elas ensinavam por meio da representação de peças teatrais de ofícios e suas funções sociais os papéis desempenhados por carteiros, padeiros e até mesmo de professores, segundo elas, para evitar a “diminuição das funções mentais dos habitantes”.⁵⁰

As práticas pedagógicas dessas professoras se realizavam em meio às visitas de chefes de Estado ao Mutirão. Em setembro de 1968 o presidente do Chile veio ao Brasil e segundo o Diário Oficial do Distrito Federal:

Eram 10,15 horas, quando o Presidente Frei iniciou sua visita, passando, inicialmente, pelas obras da Cidade Industrial que a SHIS está erguendo, em convênio com o Banco Nacional de Habitação. Nas proximidades das obras do "mutirão", foi recebido pelo Superintendente da NOVACAP Rogério de Freitas.⁵¹

Essa visita fez com que o Mutirão tomasse ainda mais corpo e status. No dia 23 de outubro de 1968 o DODF registra uma dessas atividades culturais em comunidade que ocorreram na escola do Mutirão denominada “Semana do Mutirão”.⁵² No Diário estava um convite a todas as pessoas para lá acorrerem, destacando a importância do Serviço Social e da comunidade. Seriam realizadas diversas atividades: peças teatrais como o Teatro das bruxinhas para as crianças, palestras sobre a importância da Higiene e até campeonato de lutas

⁴⁹ HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ PRESIDENTE DO CHILE VISITA MUTIRÃO. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 10 set. 1968, p. 1.

⁵² SEMANA DO MUTIRÃO. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 23 out. 1968, p. 3.

do famoso Judô Miura, além de cinema ao ar livre, banda de música no pátio da escola, e é claro, futebol.⁵³ As visitas das professoras às famílias se inserem nesse contexto pois esclarecem a população sobre o que acontecia fora dali e foram métodos "revolucionários" para a época, afirmam nossas personagens, afinal as mulheres, em raras exceções, tinham acesso ao conhecimento e a universidade. Por isso também as professoras se utilizavam de métodos estruturados e científicos para compreender o espírito da comunidade. Concentravam-se nas famílias e nos filhos, valorizando a vida na cidade:

O estado de isolamento das mulheres e das crianças no início da década de setenta, isolamento este, que obrigava estas populações de mulheres, crianças e jovens a enclausurar-se, pela falta de transporte, jornais, revistas, rádio, assistência médica psicológica e financeira e qualquer tipo de lazer. Durante um tempo bastante considerável, essas populações permaneceram em complexa separação; sem grandes contatos vivam em um lamentável grau de segregação social. Nunca parou de estudar, pesquisar, debater, participar reuniões, seminário, palestras para oferecer um trabalho qualificado a sua clientela da escola e da comunidade.⁵⁴

Com o passar dos anos, não foi só a questão da moradia propriamente dita e o modelo de aquisição das residências que mudaram. O número de escolas também foi ampliado e até as festividades que aconteciam nelas foram modificadas. O Diário Oficial do Distrito Federal de 31 de março de 1970 notícia as comemorações dentro das escolas para celebrar e explicar as razões da “revolução de 64” por determinação do governador Hélio Prates da Silveira:

"Brasília e o Governo da Revolução" é o tema a ser desenvolvido em todas as escolas primárias da rede oficial do Distrito Federal, durante o transcurso das comemorações da Semana da Revolução. Dentro desse tema, serão realizadas palestras nas escolas, com apresentação de "slides" e filmes demonstrativos do quanto se tem feito na Capital da República após o advento da Revolução Democrática de 31 de março de 1964.⁵⁵

Além disso, um ano antes, foram entregues os colégios de Taguatinga Sul, Colégio da Asa Norte e da Escola-Classe da SQN 411, inauguração de unidades escolares no Guará, inauguração das novas instalações da Escola de Ensino Especial.⁵⁶ Entretanto, a propaganda oficial era que as quatro novas escolas estavam sendo construídas dentro dos modernos

⁵³ Idem.

⁵⁴ HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. 25.

⁵⁵ SEMANA DA REVOLUÇÃO NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 31 mar. 1970, p. 1.

⁵⁶ MAIS ESCOLAS PARA BRASÍLIA. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 11 jun. 1969, p. 1.

padrões técnicos que orientam todas as escolas-classe da rede oficial do Ensino Primário do Distrito Federal. As novas unidades estavam sendo construídas na nova cidade-satélite do Guará. Duas delas entrariam em funcionamento ainda naquele semestre letivo

Desse modo, a Escola Classe do Setor Residencial de Indústria e Abastecimento do "Mutirão", que conta. Presentemente, com 1.490 alunos e funciona em seus turnos, terá melhores condições de funcionamento, com o deslocamento dos alunos para as novas escolas que já possuem o mobiliário suficiente para atender àqueles alunos.⁵⁷

Percebemos, assim, que apenas um ano após a inauguração da primeira escola classe do Guará, ela já contava com mais de mil alunos que, somente agora, em 1969, seriam transferidos para outras escolas, devidamente mobiliadas e estruturadas para atender às demandas educacionais. A julgar pelo que relataram as professoras sobre os primeiros anos de docência no Guará, isso não necessariamente pode ter significado uma melhora na qualidade da educação, devido aos problemas mais amplos da cidade em formação, mas foi, sem dúvida, mais uma intervenção educativa nos primeiros anos de formação do novo aglomerado humano no Distrito Federal.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo investigar o cotidiano e as primeiras intervenções educativas realizadas no Guará, entre meados das décadas de 1960 e 1970, pela ótica de duas professoras primárias – Marlene Henrique e Maria Luiza Marques Matos – tomando por fonte privilegiada a autobiografia escrita por elas intitulada *Como ensinamos uma cidade a ler*.

Em relação ao cotidiano, pudemos perceber a precariedade que marcou a experiência dos primeiros anos de formação da cidade: as más condições urbanas, o isolamento da população, a falta de acesso ao lazer e aos equipamentos culturais – bem diferente do que ocorria no chamado Plano Piloto, a cidade de Brasília propriamente dita. Vimos, também, as tensões de gênero vivenciadas pelas professoras e o modo como se relacionaram com os padrões machistas então em movimento naquela região e no Brasil, de modo geral.

No que toca às primeiras intervenções educativas, descobrimos que a primeira escola da cidade foi construída pelos próprios moradores sendo que, somente num segundo momento, o governo entregou escolas oficiais em número suficiente para o atendimento da população escolar. Pelo relato das professoras pudemos perceber o imprevisto e precariedade

⁵⁷ Idem.

das primeiras escolas bem como vestígios de certas práticas pedagógicas que elas colocavam em movimento naquele contexto.

Pensando em desdobramentos deste estudo, valeria a pena aprofundar a história da educação no Guará e em outras das antigas cidades satélites de Brasília, de um lado, para perceber melhor a complexidade e diversidade de experiências educativas que tiveram lugar no Distrito Federal na segunda metade do século XX; de outro, para incluir nas narrativas históricas vozes outras, que não apenas a dos professores e educadores que viviam no Plano Piloto e aos quais a memória e a historiografia brasiliense deu o nome de “pioneiros” em contraponto a todos os outros que, também e quase a mesma época que eles, chegaram àquela região e foram, igualmente, construtores do que hoje chamados de história da educação no Distrito Federal.

Referências

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Infância e modernidade no século XIX: o olhar de Charles Baudelaire. *Dimensões*. Vitória, v. 30, p. 289-314, 2013.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). In: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani.; ZIMMERMAN; Tânia Regina. (orgs.) *Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b, p. 37-54.

ANJOS, Juarez José Tuchinski; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. A narrativa de Juscelino Kubitschek sobre a escolarização em Brasília: vestígios de uma historiografia da educação. in: ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; TAVARES, Fabiany de Cássia (orgs.). *Escrita da pesquisa em educação na região Centro-Oeste* (vol. 4). Campo Grande: Editora Oeste, 2020, p. 57-75.

ANJOS, Juarez. José Tuchinski dos. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan./abr. 2022a.

CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHAIN, Samira Bueno. *Cidade nova, novas escolas?* Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

DARNTON, Robert. As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação. In: *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: companhia das Letras, 2005, p. 40-90.

DARTNON, Robert. Introdução. In: DARTNON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução Impressa: a imprensa na França 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 15-20.

DOAÇÃO. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 29 mai. 1968, p. 1.

FRANÇA, Guilherme Azevedo. *Levantamento de fontes e acervos para uma história das duas primeiras escolas de São Sebastião/ DF (1959-1996)* (Mestrado Profissional em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

GOMES, Ângela Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela Castro (org.) *Escrita de si, escrita de História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, p.7-25.

HENRIQUE, Marlene.; MATOS, Maria Luiza Marques. *Como ensinamos uma cidade a ler*. Brasília: Thesaurus, 1998.

MAIS ESCOLAS PARA BRASÍLIA. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 11 jun. 1969, p. 1.

MORAES, Cleide Fátima de. *As competências legais da gestão do sistema de ensino nos primórdios de Brasília (1959-1960)*. (Monografia de Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

MUTIRÃO. *Correio Braziliense*. Brasília, 23 abr. 1968, p. 16.

MUTIRÃO. *Correio Braziliense*. Brasília, 24 fev. 1968, p. 8.

MUTIRÃO. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 23 abr. 1968, p. 2.

PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (orgs.) *Anísio Teixeira e seu legado à educação no Distrito Federal: história e memória*. Brasília: Editora da UnB, 2018.

PEREIRA, Eva Waisros. *et al.* (orgs.) *Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília: Editora da UnB, 2011.

POSTO DE SAÚDE PARA O GUARÁ. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 1 abr. 1970, p. 1.

PRESIDENTE DO CHILE VISITA MUTIRÃO. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 10 set. 1968, p. 1.

SEMANA DA REVOLUÇÃO NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 31 mar. 1970, p. 1.

SEMANA DO MUTIRÃO. *Diário Oficial do Distrito Federal*. Brasília, 23 out. 1968, p. 3.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961.

VASCONCELOS, Adirson. *As cidades satélites de Brasília*. Brasília: Senado Federal, 1988.

VIDAL, Diana Gonçalves. Lá vem o bonde das normalistas... uma incursão pelo cotidiano escolar no Instituto de Educação do Rio de Janeiro na década de 1930. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Bueno; LOPES, Antônio Pádua (orgs.) *As escolas normais no Brasil. Do Império à República*. Campinas: Alínea, 2008, p. 233-244.